



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Laura Alice Dametto Silverio

Reflexos inevitáveis dos conflitos armados sobre a cadeia produtiva – estudo de caso de guerra na Ucrânia.

**Dourados - MS  
Junho 2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Laura Alice Dametto Silverio

Reflexos inevitáveis dos conflitos armados sobre a cadeia produtiva – estudo de caso de guerra na Ucrânia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Staine Prado Filho.

Dourados – MS  
Junho 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S587r Silverio, Laura Alice Dametto  
REFLEXOS INEVITÁVEIS DOS CONFLITOS ARMADOS SOBRE A CADEIA  
PRODUTIVA - ESTUDO DO CASO DE GUERRA NA UCRÂNIA. [recurso eletrônico] /  
Laura Alice Dametto Silverio. -- 2023.  
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Carlos Roberto Staine Prado Filho.  
TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande  
Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:  
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Guerra. 2. Commodities. 3. Economia mundial. I. Prado Filho, Carlos Roberto Staine  
. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



## ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 15 de junho de 2023, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna **Laura Alice Dametto Silverio** tendo como título **“REFLEXOS INEVITÁVEIS DOS CONFLITOS ARMADOS SOBRE A CADEIA PRODUTIVA – ESTUDO DO CASO DE GUERRA NA UCRÂNIA”**.

Constituíram a Banca Examinadora os professores **Dr. Carlos Roberto Staine Prado Filho** (orientador), **Dra. Déborah Silva do Monte** (examinadora) e **Dr. Tomaz Esposito Neto** (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: A aluna se comprometeu a realizar os ajustes na formatação das fontes e referências bibliográficas recomendados pela banca avaliadora.

Assinaturas:

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CARLOS ROBERTO STAINE PRADO FILHO  
Data: 20/06/2023 19:51:05-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Dr. Carlos Roberto Staine Prado Filho**

Orientador

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** DEBORAH SILVA DO MONTE  
Data: 21/06/2023 15:22:10-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Dra. Déborah Silva do Monte**

Examinadora

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** TOMAZ ESPOSITO NETO  
Data: 21/06/2023 14:06:06-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Dr. Tomaz Esposito Neto**

Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por estar comigo durante toda minha vida e principalmente na minha trajetória acadêmica, me capacitando e direcionando. Entendo que o que sou e tenho hoje, é graças a Ele.

A conclusão do curso, bem como o desenvolvimento deste trabalho não seriam possíveis sem o apoio e o esforço de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

Aos professores orientadores que me deram o suporte necessário para elaboração do projeto. Aos professores do curso de Relações Internacionais, que contribuíram diretamente para os ensinamentos que me trouxeram até a conclusão do curso.

Agradeço ao meu esposo Felipe e a minha mãe Seley, que me apoiaram em meio às dificuldades e me incentivaram a cada momento, não permitindo que eu desistisse.

Por fim, agradeço e dedico esse trabalho ao meu pai Waldir, que já se foi, mas continua sendo minha inspiração, pois enquanto viveu, me motivou a buscar conhecimento e sempre me aperfeiçoar através dos estudos.

## RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar a proporção dos efeitos que um conflito armado causa na linha de produção e distribuição de commodities em nível global, pois, entender como a economia é afetada por conflitos armados se tornou importante em vista da atual realidade global. A análise de caso do conflito entre Rússia e Ucrânia, nos auxilia a entender a proporção dos efeitos de um evento deste tipo na cadeia produtiva global. Assim, à luz da teoria geoeconômica, a pesquisa buscará entender os efeitos negativos que a guerra causa não apenas aos países envolvidos, mas em todos no cenário internacional. Este estudo revela as impossibilidades e restrições na produção e venda de produtos básicos e como isso reflete em todos os demais dependentes de determinados insumos. Com uma baixa e restrita oferta, os preços aumentam, abrindo margem para o desabastecimento de alimentos no mundo e podendo resultar em graves crises humanitárias.

**Palavras-chave:** Guerra. Commodities. Economia mundial.

## **ABSTRACT**

The present work aimed to analyze the proportion of the effects that an armed conflict causes on the line of production and distribution of commodities at the global level, since understanding how the economy is affected by armed conflicts has become important in view of the current global reality. The analysis of the conflict between Russia and Ukraine case, helps us to understand the proportion of the effects of such an event on the global production chain. Thus, in the light of geoeconomic theory, the research will seek to understand the negative effects that war causes not only to the countries involved, but to everyone on the international stage. This study reveals the impossibilities and restrictions in the production and sale of basic products and how this reflects in all others dependent on certain inputs. With a low and restricted supply, prices are rising, opening room for food shortages around the world and leading to serious humanitarian crises.

**Keywords:** War. Commodities. World Economy.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>1. CONFLITOS ARMADOS .....</b>	<b>8</b>
1.1 CONCEITO DE GUERRA .....	8
1.2 TENDÊNCIAS EM CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS .....	13
<b>2. A TEORIA GEOECONÔMICA .....</b>	<b>18</b>
2.1 CAPITALISMO E GEOECONOMIA .....	23
2.2 A GEOECONOMIA E OS CONFLITOS ARMADOS.....	25
2.3 AS CONSEQUÊNCIAS ECONÔMICAS DOS CONFLITOS ARMADOS .....	27
<b>3 CONFLITOS ARMADOS CONTEMPORÂNEOS: UCRÂNIA .....</b>	<b>30</b>
3.1 QUESTÕES POLÍTICAS E O CONFLITO .....	30
3.2 HISTÓRICO:A ECONOMIA UCRANIANA.....	32
3.3 IMPACTOS GLOBAIS DO CONFLITO NA UCRÂNIA.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>40</b>



## INTRODUÇÃO

Entender como a economia é afetada por conflitos armados se tornou importante em vista da atual realidade global, pois, um conflito mexe com toda a estrutura dos atores envolvidos e até mesmo daqueles não envolvidos. São séries de ações que refletem nas áreas de segurança, social, educacional e econômica.

É notável que guerra é um fenômeno que há muito tempo vem abalando o cenário mundial e seus efeitos são visíveis em diversos campos que sustentam a existência da sociedade. Neste trabalho, o foco principal será discutir acerca das consequências que os conflitos armados geram, na produção e distribuição de commodities dos países envolvidos e no mercado mundial de tais produtos.

A pesquisa busca respostas através de bibliografias, documentos teóricos e estudo de caso. A partir da identificação do objeto de estudo, buscar-se-á catalogar, selecionar e executar leituras críticas e interpretativas de livros, periódicos e conteúdo online, com citação das fontes pesquisadas.

A análise de um caso real, o conflito entre Rússia e Ucrânia, nos auxiliará a entender a proporção dos efeitos de um evento deste tipo na cadeia produtiva global. Assim, a partir da análise teórica combinada com estudo de caso, a pesquisa busca possibilitar estratégias e formular alternativas para amenizar os prejuízos e os efeitos financeiros negativos para os países.

Considerando a relação que a geoeconomia estabelece com a política internacional, as crises financeiras presenciadas atualmente são diretamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo e à política expansionista e de dominação territorial, que visa o controle da distribuição de recursos primários, garantindo uma maior valorização do capital, por meio do aumento da produção interna para exportação ou até mesmo da exportação do capital em si.

Dessa forma, à luz da teoria geoeconômica, a pesquisa buscará entender o efeito que o conflito armado tem sobre a disputa econômica, pautada pelo esforço produtivo e distributivo de commodities entre os diferentes atores do cenário internacional.

Para isso, o primeiro capítulo do trabalho é dedicado a discutir sobre os conceitos teóricos e práticos de guerra, bem como introduzir o leitor às tendências que estão presentes em conflitos contemporâneos, ou seja, padrões que se repetem ao longo do tempo e que são observados de forma analítica.

O segundo capítulo da pesquisa cumpre a função de abordar e destrinchar a teoria geoeconômica, assim como estabelecer sua relação com o capitalismo e com os conflitos armados, finalizando com uma análise mais pontual das consequências econômicas que as guerras causam.

Já o terceiro e último capítulo, é dedicado ao estudo do caso da Rússia e Ucrânia. Dessa forma, após contextualizar o cenário e as relações políticas que a Ucrânia possuía, e seu histórico econômico, é discutido o conflito atual, trazendo em pauta suas possíveis causas e em seguida, seus impactos na economia global.

Com isso, será possível entender as impossibilidades e restrições na produção dos países envolvidos em um conflito, bem como a queda da oferta desses produtos, o que se reflete em todos os demais dependentes de determinado insumo. Com uma baixa e restrita oferta, os preços aumentam, podendo também haver desabastecimento de alimentos no mundo resultando em graves crises humanitárias.

# 1. CONFLITOS ARMADOS

## 1.1 Conceito de guerra

O tema da guerra recebeu a maior atenção dos estudiosos das relações internacionais nos últimos três séculos. Mesmo que tenham um caráter estratégico diferente, os conflitos atuais ainda exigem tanta atenção quanto os do passado. O tema em questão inspira medo, e as primeiras coisas que vêm à mente são imagens de caos, mortes e hostilidade. Portanto, é crucial que o problema seja examinado mais detalhadamente para compreender suas causas e efeitos.

Estudos antigos e mais tradicionais têm uma perspectiva particular que analisa a guerra como a luta do Estado pela sobrevivência no sistema internacional de conflitos armados. A partir daí, surge uma noção de comportamento e relações interestatais em que a soberania desempenha um papel crucial.

A partir de uma perspectiva ampla, a guerra existiu ao longo da história. Os homens costumavam se matar com as ferramentas a que tinham acesso, quer fossem facas e canhões, flechetas ou projéteis, explosivos químicos ou reações atômicas, de curto ou longo alcance, aleatórias ou sistemáticas.

No entanto, é inevitável ver mudanças de comportamentos nos conflitos, seja em termos de tecnologia, estratégia ou tática. Como resultado, alguns conceitos tradicionais de guerra serão tomados de Clausewitz (1993) e Kaldor em relação aos conflitos atuais. (1998; 2005). A análise dos autores citados anteriormente mostra que, apesar de terem áreas de estudo diferentes, os conflitos atuais compartilham as mesmas características fundamentais, embora tenham dinâmicas diferentes.

A natureza da guerra é, de acordo com Clausewitz (1993, p. 75) “um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade”. Raymond Aron, por sua vez, em sua obra “Paz e Guerra entre as nações” encara o conflito como uma instituição, com raízes biológicas e psicológicas. Afirma:

O homem não agride seu semelhante por instinto, mas, apesar disto, é sempre, em cada momento vítima e carrasco. A agressão física e a vontade de destruir não constituem a única reação possível à frustração, mas uma das respostas possíveis - talvez a reação espontânea. Neste sentido, os filósofos não se equivocavam quando diziam que o homem é naturalmente um perigo para outros homens. (Aron, 2002, p. 21)

E ainda:

O animal humano é agressivo, mas não luta por instinto; a guerra é uma expressão da agressividade humana, mas não é necessária, embora tenha ocorrido constantemente desde que as sociedades se organizaram e se armaram. A natureza humana não permitirá que o perigo da violência seja afastado definitivamente; em todas as coletividades os desajustados violarão as leis e atacam as pessoas. O desaparecimento dos conflitos entre indivíduos e entre grupos é contrário à sua natureza... (Aron, 2002, p. 22)

No modelo de guerra clássico, os principais atores são os Estados, suas forças armadas e os seus civis. Esse modelo igualmente apresenta uma ordem em seus estágios, possuindo um começo, meio e um fim, bem como tem seu início por alguma adversidade na qual se tornou impossível resolver diplomaticamente, ocasionando a declaração formal de guerra.

A Revolução Industrial trouxe igualmente mudanças na maneira de fazer guerra. Há então, a presença de novas tecnologias, instrumentos mais letais e conseqüentemente, o aumento do número de mortes em batalhas. Talvez as principais mudanças da primeira geração (como exemplo as Guerras Napoleônicas 1803-1815) para a segunda (a Guerra Civil americana - 1861-1865 ou mesmo a I Guerra Mundial - 1914-1918) sejam a dependência do fogo indireto e a própria tecnologia. Essa última se manifestou de forma qualitativa com a criação de aeronaves de artilharia, armas de infantaria, carros de combate, entre outras (LIND, 1989).

Já os conflitos pós-primeira Guerra Mundial, baseiam-se em ataques rápidos e inesperados, onde utiliza-se não apenas o poder de fogo, mas também a movimentação. Configura-se assim, um conflito mais complexo, que Hobsbawm define como guerra total; os governos democráticos, tendo em vista a proteção de seus nacionais, tratam os cidadãos dos países inimigos como totalmente descartáveis (HOBSBAWM, 1995, p. 33).

[...] uma guerra moderna que envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda a economia para a sua produção, e são usados em quantidades inimagináveis; produz indizível destruição e domina e transforma absolutamente a vida dos países nela envolvidos (HOBSBAWM, 1995, p. 51)

Hobsbawm também evidencia características mais agressivas deste conceito de guerra total, que Clausewitz chama de guerra absoluta. Dessa forma, o uso máximo da violência se configura o caráter ideal e sempre presente nesse tipo de conflito, sem

qualquer limite lógico “intrínseco” ou auto impostos ao uso da força (CLAUSEWITZ, 1993).

Como se pode notar, o Estado está presente em todos os três tipos de conflitos supracitados, porém, após o fim da Segunda Guerra (1945) acompanhado com o início da Guerra Fria (1947), houve algumas mudanças nos conflitos caracterizados por armas convencionais.

De acordo com Kaldor (1998), a globalização trouxe uma mudança significativa em todas as áreas e a esfera da segurança obviamente foi afetada. O que antes eram os Estados com suas forças armadas e sua população, com o fenômeno da globalização surgem novos atores: transnacionais, intraestatais, organizações internacionais e grupos paramilitares.

Os conflitos no período da Guerra Fria representavam uma disputa de áreas do chamado Terceiro Mundo (conceito que era utilizado para designar os Estados capitalistas subdesenvolvidos). Estados Unidos e União Soviética, as grandes potências da época, desejavam expandir suas *capabilities* e mudar a balança de poder, sem existir conflitos diretos entre elas.

Mediante a vontade de Estados com capacidade bélica ameaçadora, os países com menor capacidade bélica - e que apresentavam interesses geoestratégicos das superpotências - acabavam se tornando campo de batalha desses atores, como exemplo: Guerras da Coreia (1950-53), do Vietnã (1964-75) e do Afeganistão (1979-89). Kaldor (2005) descreveu esse período:

[...] como se estivéssemos em guerra com milhões de homens escondidos, exercícios frequentes, histórias de espionagem, propaganda hostil e assim por diante. E nós vivíamos grande parte do tempo com a ansiedade e o medo associado com a guerra, bem como as organizações, as indústrias de defesa, o Estado centralizado, e é claro, a distinção entre amigo - inimigo que dividiu o mundo em dois campos ideológicos [...] (KALDOR, 2005, tradução nossa)<sup>1</sup>.

A autora também infere o surgimento das guerras por procuração neste período de grande insegurança, configurado como um conflito de baixa intensidade, onde não

---

1

As if we were at war with millions of hidden men, frequent exercises, stories of espionage, hostile propaganda and so on. And we lived much of the time with the anxiety and fear associated with war, as well as the organizations, the defense industries, the centralized state, and of course, the distinction between friend-enemy that divided the world into two ideological fields [...](KALDOR, 2005,).

havia interação direta das potências, mas apenas uma influência e/ou financiamento de uma das partes envolvidas.

Como já dito, o fenômeno da globalização alterou e trouxe atores novos para as guerras. Kaldor (2005) afirma que as guerras clássicas foram substituídas pelas novas guerras como um reflexo do contexto de desintegração dos Estados tipicamente autoritários (KALDOR 2005).

São conflitos que dificultam a percepção de seu começo, meio e fim, com envolvimento de atores estatais e não estatais, geralmente sem uniformes, e raramente com qualquer símbolo que diferencie os civis dos combatentes, sem limite territorial.

Essas são guerras travadas por redes estatais e não estatais, muitas vezes sem uniformes ou às vezes com sinais distintos. São guerras em que as batalhas são raras e a maior parte da violência é dirigida contra os civis. [...] São guerras em que as distinções entre combatentes e não-combatentes e a violência legítima estão desaparecendo. (KALDOR, 2005, tradução nossa).<sup>2</sup>

As relações interestatais, de uma forma geral, são o cerne das pesquisas das relações internacionais, pois são estas que colocam as unidades em conflitos. Estudos contemporâneos acreditam que o fortalecimento do próprio Estado é a fonte dos problemas. Tais estudos tratam do assunto a partir de análise de comportamento dos Estados dominantes, que mesmo nutrindo uma hostilidade entre si, não gostariam de se destruir mutuamente.

De acordo com Holsti (1996), as guerras são causadas por problemas dentro dos Estados, que do problema existente entre eles. Estados novos e fracos, por exemplo, são cenários propensos a presenciar futuras guerras. Assim, o governo de um país se configura aspecto determinante na previsão de eventos como este em questão.

Analisando conflitos antigos, por exemplo, como o de Ruanda, Sri Lanka e de Somalia, todos demonstraram um forte ponto em comum: a falta de legitimidade presente no governo. Tal visão justifica a causa interna do problema, mas não cessa as possibilidades de surgimento de conflito por outros meios. (HOLSTI; 1996, p. 06)

---

<sup>2</sup> These are wars waged by state and non-state networks, often without uniforms or sometimes with distinct signs. These are wars in which battles are rare and most of the violence is directed against civilians. The [...] These are wars in which the distinctions between combatants and non-combatants and legitimate violence are disappearing. (KALDOR, 2005)

Como já mencionado, o conceito de guerra costuma ser anexado a uma imagem de duas nações empenhando suas forças militares uma contra a outra. O propósito de minar a resistência do adversário e impor autoridade militar e política sobre o inimigo, caracteriza o padrão de guerra presente no século 19.

Por tanto, nesse aspecto é possível definir a guerra como o combate armado entre dois Estados soberanos que buscam seus interesses particulares e utilizam a violência como instrumento para obter seus desejos. Clausewitz, em sua famosa obra “Da guerra” trouxe uma concepção analítica e reflexiva a esse respeito, definindo a guerra como “a continuação da política por outros meios”.

A ligação entre o conflito e política traz uma compreensão da utilização da violência para ganhos individuais, tendo em vista que o egoísmo é, de acordo com o autor, uma característica inquestionável em todo e qualquer conflito armado.

A guerra, então, é apenas um verdadeiro camaleão, que modifica um pouco a sua natureza em cada caso concreto, mas é também, como fenômeno de conjunto e relativamente às tendências que nela predomina, uma surpreendente trindade em que se encontra, antes de mais nada, a violência original de seu elemento, o ódio e a animosidade, que é preciso considerar como um cego impulso natural, depois, o jogo das probabilidades e do acaso, que fazem dela uma livre atividade da alma, e, finalmente, a sua natureza subordinada de instrumento da política por via da qual ela pertence à razão pura. (CLAUSEWITZ, 1993, p.30).

Assim, a visão de Clausewitz foca no propósito político da guerra, como um instrumento de violência organizado. Porém, os fins buscados em conflitos armados, não se restringem a interesses políticos. Existe uma gama de fatores que podem levar ao uso da violência, entre eles: defesa de território, controle de colônias, construção e expansão de impérios, interesses econômicos e etc.

A luta determinou a natureza das armas empregadas. Estas, por sua vez, influenciam o combate. Essencialmente, portanto, a arte da guerra é a arte de empregar em combate os meios que lhe forem atribuídos. A arte da guerra compreende todas as atividades que existem por causa da guerra, tais como a formação das forças combatentes, o seu recrutamento, armamento, equipamento e adestramento (SUN TZU, 2014, p. 64).

De fato, há diferentes concepções e perspectivas acerca da guerra e suas causas. Seu estudo está longe de ser esgotado e improvável de ser extinguido, afinal, de acordo com Sun Tzu (2014) a guerra se configura um assunto vital do Estado, a causa da sua vida ou morte, o que determinará a sua sobrevivência ou ruína. Por isso, é necessário que seja examinada.

## 1.2 Tendências em conflitos contemporâneos

De acordo com Kaldor (1998), os conflitos contemporâneos podem ser classificados mediante suas diferentes identidades políticas, caracterizando as chamadas guerras predatórias, que segundo o autor, constitui-se de um grupo que faz parte das guerras contemporâneas. Assim, o conflito emerge de ideais de grupos não estatais, podendo ser eles valores étnicos, crenças religiosas, questões raciais entre outros.

Além das guerras predatórias, a autora denomina um segundo grupo, o chamado de alta tecnologia de guerras, possuindo como característica principal, os aparatos tecnológicos e o fácil e rápido acesso à informação, que tornou possível a chamada Revolução em Assuntos Militares (RAM).

Tal conceito se refere ao futuro da guerra. De acordo com STEPHENSON, (2010), uma RAM é:

[...] reunião de uma combinação complexa de inovações táticas, organizacionais, doutrinárias e tecnológicas para a implantação de uma nova abordagem conceitual em relação à guerra ou a um sub-ramo especializado dela (STEPHENSON, 2010, p. 58).

Ainda assim, a mudança na natureza da guerra, como mencionada no tópico anterior, não acabou com os modelos mais clássicos. A expansão das tecnologias e o aparecimento de novos atores não excluíram as estratégias de combate, os exércitos e nem mesmo a presença do Estado no embate, essa mudança apenas transnacionalizou o conflito, que agora podem possuir outras finalidades, instrumentos e maneiras de ser executado.

Na perspectiva de Heydte (1990):

[...] o conflito armado, no qual as partes não constituem grandes unidades, mas pequenos e muito pequenos grupos de ação, e cujo desfecho não é decidido em poucas e grandes batalhas; ao contrário, a decisão é buscada e afinal concretizada através de um número muito grande de pequenas operações individuais, roubos, atos de terrorismo e sabotagem, bombardeios e incursões (HEYDTE, 1990).

Como visto anteriormente, Lind (1989) divide os conflitos em quatro gerações: primeira (de 1756 a 1865 ); segunda (de 1914 a 1918); terceira (de 1939 a 1992); e quarta - os conflitos contemporâneos, a partir de 2001 com o ataque terrorista de 11 de setembro. Estes últimos seriam caracterizados por: (i) não linearidade (não ocorre dentro de um espaço físico determinado); (ii) difícil distinção entre guerra e paz (não existe uma declaração formal de guerra, nem um inimigo bem determinado e



caracterizado); (iii) campos de batalha e *fronts* não definidos (por não existir um espaço físico determinado, o inimigo pode se locomover pelas fronteiras, possuindo grande mobilidade); (iv) o objetivo é colapsar o inimigo internamente mais do que sua destruição física (cortar o acesso à informação, diminuir o apoio da população, o suprimento de bens, energia por exemplo); (v) a incorporação de novas tecnologias (as quais modificam a dimensão do combate e a atuação dos combatentes) e, por último, (vi) a distinção entre civil e soldado pode desaparecer.

Assim, a quarta geração da guerra é, sem dúvida, um fenômeno mais complexo, devido ao seu desenvolvimento conjunto com o avanço de novas tecnologias. Dessa forma, conclui-se que os conflitos contemporâneos possuem um caráter mais assimétrico, não regular e diferenciado, como consequência da ação não exclusiva dos Estados, do uso de artifícios não convencionais e das diferenças potenciais entre os atores envolvidos. (LIND, 1989)

Portanto, ainda que a incidência de conflitos entre Estados tenha reduzido nas últimas décadas, a guerra continua sendo uma fonte de grande insegurança e por isso, segue sendo analisada e investigados seus padrões e perfis. De acordo com Paul D. Williams (2008) existem quatro tendências relevantes identificadas desde 1945. A primeira delas, como supramencionado, se caracteriza pela diminuição dos conflitos armados interestatais, o que contribuiu para que conflitos intraestatais viabilizassem a violência organizada. Esse fato motivou uma busca por dados de conflitos não-estatais e os estudos revelaram uma incidência de mais de 400 conflitos entre o fim da guerra fria e o ano de 2010. (WILLIAMS; 2008, p.159)

A segunda tendência aponta para um declínio em cerca de 40% nos conflitos armados entre Estados de 1992 a 2005. De maneira geral, após a guerra fria, houve uma queda na intensidade das guerras no mundo todo e isso se deu por alguns motivos, que segundo (MACK; 2007, p. 156) podem ser explicados em alguns fatores.

Um deles corresponde ao fim do colonialismo, que caracterizava a maior fonte de violência política interestatal embora ainda restem resquícios desse trágico momento na história mundial. Outro fator foi o breque na guerra por procuração (ou guerra por proxy), que configurou a terceirização do conflito entre as superpotências por meio da utilização de intermediários. (MACK, 2007, p. 156)

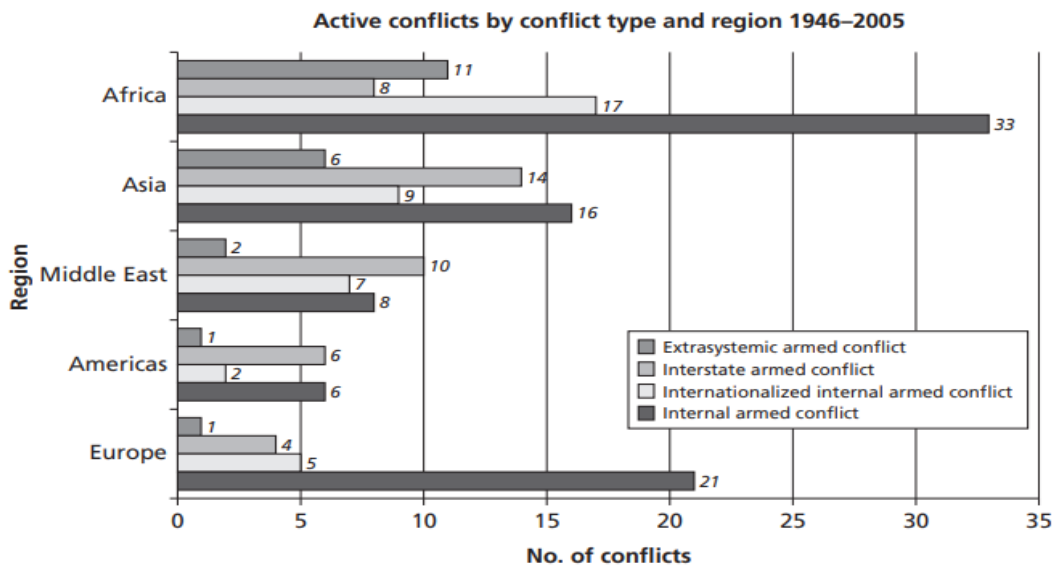
O terceiro e mais importante fator, segundo Mack, foi o aumento do ativismo internacional, encabeçado pelas Nações Unidas. Tal ação promoveu a diplomacia preventiva, operações de paz e outros mecanismos utilizados para engajar a sociedade internacional e capacitá-la a acabar com as guerras.

A redução da taxa de mortes em batalha também é outra tendência dos conflitos contemporâneos apontada por Williams (2008). A avaliação dessa taxa, de 1950 a 2005, foi de 38000 mortes, enquanto em 2005 foram registradas 700 mortes. Uma queda de 98%. No entanto, é válido ressaltar que nesses dados, não se incluem as mortes de civis, que em realidade, é o tipo mais recorrente, sendo as “mortes indiretas”, pois, por serem alvos fáceis, os civis têm se tornado um dos principais focos nos conflitos atuais. (MACK, 2007, p.159)

Ainda existe um último aspecto identificado, que é a mudança do alcance regional dos conflitos armados contemporâneos. Anteriormente, em termos de história global, a geografia e o clima restringiam o alcance das guerras, que comumente abrangiam relativamente uma pequena porção de espaço (Keegan 1994, p 68-73). Todavia, desde 1945, diferentes regiões têm experimentado mais a guerra que outras.

Nisso destaca-se a África subsaariana, demonstrando ser mais suscetível a conflitos. Além da independência tardia, pois muitos Estados dentro desse continente ainda eram colonizados até 1960, dados demonstram que, entre 1946 e 2005, a África sofreu 69 dos 187 conflitos armados que ocorreram no mundo. Como ilustrado na figura abaixo:

**Figura 1: Número de conflitos armados por região (1946-2005)**



*Figure 11.3* The number of state-based armed conflicts by region, 1946–2005

Source: [www.pcr.uu.se/research/UCDP/graphs/type\\_reg.pdf](http://www.pcr.uu.se/research/UCDP/graphs/type_reg.pdf)

Fonte: [www.pcr.uu.se/research/UCDP/graphs/type\\_reg.pdf](http://www.pcr.uu.se/research/UCDP/graphs/type_reg.pdf)

A globalização, como mencionada no tópico anterior deste trabalho, teve papel fundamental na definição e entendimento das chamadas “novas guerras”, conceito criado para estabelecer marcas das alterações que a conflitualidade internacional recebeu nas últimas décadas (WILLIAMS, 2008 p, 156). Mary Kaldor (1999) iniciou a análise desses novos conflitos, os caracterizando como um novo tipo de violência armada. Assim, nas “novas guerras” não existe diferença entre guerra (comumente definida como violência entre Estados por motivos políticos), crime organizado (violência por grupos de organização privada, com objetivos privados, normalmente o lucro financeiro) e violações maciças de direitos humanos (partindo dos Estados ou de grupos politicamente organizados contra civis). (KALDOR, 1999, p.02)

Embora se torne difícil estabelecer na prática dessas novas guerras, a distinção entre público e privado, o estatal e o não estatal, o formal e o informal, se motivações são políticas ou econômicas, é possível contrastar as diferenças de objetivos, métodos e sistema financeiro entre as velhas e novas guerras.

Nas palavras de Williams (2008):

Em termos de métodos, Kaldor sugere que novas guerras são combatidas através de um novo “modo de guerra” que se baseia em técnicas de guerrilha

e contra-insurreição. No entanto, este modo de guerra é distinto na medida em que os compromissos decisivos são evitados e o território é controlado através da manipulação política de uma população, semeando “medo e ódio” em vez de ganhar “corações e mentes”.(WILLIAMS 2008, p 165 tradução nossa)<sup>3</sup>

Kaldor (1999, p 11) acredita que as novas guerras, são motivadas principalmente por políticas de identidade exclusiva, podendo ser étnicas, religiosas ou tribais, embasadas por acontecimentos do passado. E ao contrário dos conflitos tradicionais, com o cenário de violência na esfera pública, nas novas guerras há uma privatização da violência, que atinge a sociedade civil, tornando a população alvo da violência organizada.

[...] Os grupos paramilitares e os grupos de ladrões são uma característica comum dessas zonas de guerra, pois podem espalhar o medo e o ódio entre a população civil de forma mais eficaz do que as forças armadas profissionais. (ver Mueller 2000). Bandas de forças paramilitares também são úteis porque pode ser difícil traçar a responsabilidade por suas ações para os líderes políticos. ( WILLIAMS, 2008, p 166 tradução nossa) <sup>4</sup>

Trata-se, portanto, de guerras declaradas contra a dimensão privada das sociedades, silenciando a morte de milhares de pessoas. O avanço das tecnologias militares trazida com a possibilidade de bombardear territórios habitados, tornou os civis alvo fácil e certo em situação de conflito armado.

De acordo com o *Human Security Centre*, “Um estudo recente sugeriu que entre 30 e 60% das mortes violentas nos conflitos armados de hoje, são civis. (Human Security Centre 2005; p 75, tradução nossa)”.

Além das atrocidades direcionadas aos civis, as mortes por desnutrição e doenças (que atingem principalmente crianças, mulheres e idosos) nos conflitos contemporâneos, chamadas de “mortes indiretas”, se caracterizam como a mais recorrente categoria de morte de guerras, no entanto, é a menos discutida e analisada.

---

<sup>3</sup> In terms of methods, Kaldor suggests that new wars are fought through a novel ‘mode of warfare’ that draws on both guerrilla techniques and counter-insurgency. Yet this mode of warfare is distinctive inasmuch as decisive engagements are avoided and territory is controlled through political manipulation of a population by sowing ‘fear and hatred’ rather than winning ‘hearts and minds’. (PAUL D. WILLIAMS 2008)

<sup>4</sup> [...] paramilitaries and groups of hired thugs are a common feature of these war zones as they can spread fear and hatred among the civilian population more effectively than professional armed forces (see Mueller 2000). Bands of paramilitary forces are also useful because it can be difficult to trace back responsibility for their actions to political leaders. (PAUL D. WILLIAMS 2008)

Nas palavras de Williams (2008):

A característica final das novas guerras de Kaldor é que elas são financiadas através de uma economia de guerra globalizada que é descentralizada, cada vez mais transnacional e em que as unidades de combate são muitas vezes auto-financiamento através de saque, o mercado negro ou assistência externa. Guerras que refletem essas características são muitas vezes muito difíceis de levar a um fim decisivo. (WILLIAMS 2008, p,165 tradução nossa).<sup>5</sup>

Apesar de penalizadas ética e juridicamente, as atrocidades cometidas contra a população não combatente ou a destruição de monumentos históricos não só persistem como adquirem um maior alcance nas novas guerras. Dessa forma, o que era considerado como efeito indesejável e ilegítimo das velhas guerras tornou-se um elemento essencial na forma de luta das novas guerras, desconsiderando limites normativos (KALDOR, 1999, p, 9).

De maneira geral, os recentes conflitos têm demonstrado uma tendência globalista, despreocupada com regras ilegítimas. Williams cita as palavras de David Keen: “vencer pode não ser desejável: o ponto da guerra pode ser justamente a legitimidade que confere a ações que em tempos de paz seriam puníveis como crimes”. (KEEN,1998 p. 11).

Partindo deste pressuposto, a alternativa trazida por Kaldor para sanar o conflito das novas guerras é exatamente a reconstrução da legitimidade e o restabelecimento da regra da lei. “Neste contexto, o papel dos terceiros interessados deve ser fornecer o que ela chama de “aplicação da lei cosmopolita” na forma de robustas operações de paz envolvendo uma combinação de pessoal militar, policial e civil”. (WILLIAMS 2008 p 166, tradução nossa)<sup>6</sup>.

## **2. A TEORIA GEOECONÔMICA**

Para a melhor compreensão das causas e efeitos que compreendem períodos de conflitos armados, a utilização da teoria geoeconômica se torna fundamental, pois discorre aspectos relevantes da geopolítica que amplia a visão econômica como uma

---

<sup>5</sup> The final characteristic of Kaldor's new wars is that they are financed through a globalized war economy that is decentralized, increasingly transnational and in which the fighting units are often self-funding through plunder, the black market or external assistance. Wars that reflect these characteristics are often very difficult to bring to a decisive end. (PAUL D. WILLIAMS 2008)

<sup>6</sup> “In this context, the role of concerned outsiders should be to provide what she calls ‘cosmopolitan law enforcement’ in the form of robust peace operations involving a combination of military, police and civilian personnel.” (PAUL D. WILLIAMS 2008 p 166).

ferramenta estratégica promovendo e defendendo os interesses nacionais em tempos de instabilidade.

De acordo com o artigo “*Geoeconomics in the light of International Political Economy: a theoretical discussion*” da professora e PhD em Estudos Estratégicos Internacionais Bruna Coelho Jaeger, a geoeconomia se caracteriza pelo estudo das causas materiais das disputas de poder entre os diferentes atores da ordem internacional, assim, aborda a conversão dos ativos econômicos em influência política, bem como a mobilização do poder político para alcançar os objetivos econômicos através de ações cooperativas e também competitivas.

Na lógica cooperativa, a interdependência econômica se configura um elemento constantemente presente no fenômeno da globalização, que se caracteriza pela circulação de bens, serviços, informações e etc; alcançando todas as sociedades e domínios mundiais e atingindo o aspecto tanto cultural, como econômico. (JAEGER, 2020)

A interdependência econômica pode ser explicada pela relação entre dois ou mais países em que as decisões tomadas em cada um, têm efeitos sobre a sociedade e a economia dos demais. E em um cenário de conflito armado, a capacidade de gestão macroeconômica dos governos é drasticamente reduzida, assim como as oscilações de câmbio e o estreitamento das interações entre os mercados financeiros, acabam prejudicando a eficácia dos instrumentos de ação monetários e financeiros nacionais. (NIELEBOCK, 2008)

Com isso, a lógica geoeconômica se baseia na utilização de recursos econômicos para fins políticos, independentemente se essa utilização trará ganhos econômicos. Nesse sentido:

Na política mundial tradicional, os objetivos são assegurar e ampliar o controle físico do território, e ganhar influência diplomática sobre governos estrangeiros. O objetivo geoeconômico correspondente não é atingir o mais alto padrão de vida possível, mas conquistar ou proteger papéis desejáveis na economia mundial. (LUTTWAK, 2001, p. 164)

Assim, os Estados estão mais preocupados em possuir poder e status do que necessariamente ganhos financeiros. A demonstração de superioridade ainda se configura o maior objetivo dos países e vem também a ser um dos principais motivos para ocorrência de conflitos armados, embora na perspectiva de Luttwak (2001), a

disputa econômica e as vantagens competitivas garantidas pelo Estado dificultam a existência de conflitos militares.

Nas palavras do autor:

Nos Bálcãs, no Golfo Pérsico e em outras partes desafortunadas do mundo, batalhas territoriais à moda antiga continuam, assim como durante toda a história. Nessas zonas atrasadas de violência, real ou iminente, a força militar permanece sendo tão importante como nunca. Também é o caso da diplomacia clássica, que ainda serve para converter o possível uso da força militar em uma fonte real de poder e influência, seja para ameaçar adversários ou para assegurar aos aliados de que estão protegidos. Mas na arena central das relações internacionais, em que norte-americanos, europeus, japoneses e outros povos avançados tanto colaboram uns com os outros quanto competem entre si, a situação mudou drasticamente. A guerra, tendo se tornado quase impensável entre eles, tanto o poder militar quanto a diplomacia clássica perderam sua importância ancestral em suas negociações mútuas, permanecendo úteis apenas para confrontar encenqueiros nas periferias. (LUTTWAK, 2001, p. 158-159)

Com isso ele entende que a geoeconomia descartaria os conflitos militares entre os Estados mais desenvolvidos, pois a partir dela, os objetivos políticos podem ser alcançados por meio da força da economia e sua influência pelos Estados. Na concepção de Luttwak, os conflitos armados existiriam apenas nos países menos desenvolvidos.

Para Luttwak, os conflitos econômicos nunca deixaram de existir, no entanto ele cita que: “No passado, a superação dos outros no comércio e na indústria era ofuscada pelas prioridades mais urgentes da guerra e da diplomacia, em especial pela busca da segurança [...], mas também pela busca da glória ou de vantagens na política interna [...]” (LUTTWAK, 2001, p.169). Assim, a aliança para preservação da sobrevivência sempre teve prioridade sobre a vontade de prosperar.

Luttwak (2001) traz o exemplo da guerra entre França e Alemanha (seu principal parceiro comercial) e Grã-Bretanha que era rival nos negócios coloniais em 1914. Mesmo durante a Guerra Fria (1947-1991), a minaz União Soviética não permitia que as relações políticas e a solidariedade de alianças fossem prejudicadas por brigas comerciais.

Conforme a importância das ameaças e das alianças militares continua a diminuir nos países pacíficos da arena central das relações internacionais, as prioridades econômicas não são mais suprimidas, mas podem vir à tona e até mesmo tornarem-se dominantes. As disputas comerciais ainda podem ser contidas pelo medo de suas consequências puramente econômicas, mas não por intervenções políticas motivadas por imperativos estratégicos. E se a coesão interna das nações tem de ser preservada por causa de uma ameaça externa unificadora, essa ameaça tem hoje de ser econômica, ou melhor, geoeconômica (LUTTWAK 2001, p.170)



Luttwak (2001, p 172) ainda afirma: “A geoeconomia, em comparação, é um jogo cujos participantes são países que já decidiram não declarar guerra uns aos outros”. No período geoeconômico, os motivos, bem como as ferramentas de rivalidade devem ser puramente econômicas, dessa forma, as brigas de interesse comercial deveriam ser conduzidas com armas do comércio: a restrição mais ou menos disfarçada a importações, o subsídio mais ou menos oculto a exportações, o financiamento de projetos de tecnologia, o fornecimento de infraestruturas competitivas, e assim por diante (LUTTWAK, 2001).

Assim como Luttwak, outros pesquisadores também acreditam no poder da economia na política mundial e na importância da perda de domínio bélico. Lester Thurow crê que os confrontos econômicos substituíram os confrontos militares. Infere: “A história é clara. Enquanto o poder militar pode às vezes estender-se além do poder econômico durante séculos, eventualmente o poder militar não pode prescindir de um esteio econômico bem-sucedido” (THUROW, 1993, p. 23).

Neste aspecto, ele confia no papel superior que a economia desenvolve sobre o poder militar, o qual se torna impedido de existir sem que haja o poder econômico. Ele ainda argumenta:

Os conflitos de interesses econômicos serão mais agudos do que poderiam ser devido ao desaparecimento do urso militar soviético. No próximo meio século, ninguém precisará moderar suas posições econômicas, a fim de preservar as alianças militares para conter a URSS. Durante metade do século passado, as necessidades militares impediram que os conflitos econômicos assumissem proporções incontroláveis. De agora por diante, a cooperação econômica terá que se valer dos seus próprios recursos, e os acordos econômicos não serão mantidos inteiros à custa de cola militar. (THUROW 1993, p. 33)

No que tange a alianças durante a Guerra Fria, Thurow traz um exemplo que sustenta a utilização de estratégias econômicas pelos Estados a fim de assegurar a independência política. O papel que a economia exerce como peça fundamental da defesa nacional, é inquestionável.

Nas palavras do autor:

Tanto na Alemanha quanto no Japão, as estratégias econômicas foram elementos importantes nas estratégias militares para preservar a sua independência política. Os governos desdobravam-se para que a chama da combustão econômica não se extinguisse. Tinham que mantê-la intensa para que as lacunas econômicas e, conseqüentemente, as lacunas militares, entre eles e seus inimigos potenciais, pudessem ser preenchidas no menor espaço de tempo possível. Nessas circunstâncias, não surpreende que as empresas fossem organizadas em moldes militares ou que desaparecesse a linha divisória entre o que era público e o que era privado. Governo e indústria



tinham que trabalhar juntos para traçar as estratégias econômicas nacionais necessárias à independência nacional. Num sentido muito real, as empresas tornaram-se a linha de frente da defesa nacional. As estratégias militares e as estratégias econômicas achavam-se de tal forma entrelaçadas que eram impossível separar umas das outras. (THUROW, 1993, p. 41)

Por uma outra perspectiva, trazendo o raciocínio da disputa militar para a esfera das trocas internacionais, a capacidade econômica de um país, é tida como um elemento de poder, tornando possível a visualização de uma nova perspectiva para compreender os conflitos internacionais.

Neste sentido, conforme Aron 2002:

A superioridade que têm alguns países devido ao seu avanço em matéria de desenvolvimento industrial, atenua-se e tende a desaparecer à medida que se difunde o tipo industrial de sociedade. As relações de força dependem dos números relativos de homens e de máquinas; e este último tem flutuado, neste século, ainda mais rapidamente que o primeiro. (ARON, 2002, p 17)

Debatendo acerca de fatores que motivam conflitos, Aron prefere denominar a *economia* como *recursos*, pensando ser um termo mais amplo, que abrange “desde o solo e o subsolo até os alimentos e os produtos manufaturados.” Aron (2002). No entanto, é importante evidenciar que razões econômicas nem sempre explicam conflitos bélicos, ou mesmo a inexistência deles.

Trazendo para o contexto histórico da expansão da União Soviética, tal evento não foi motivado por uma necessidade econômica, mas sim por questões políticas e ideológicas.

Toda grande potência ideocrática é imperialista - assinala em conclusão - qualquer que seja seu regime econômico - se considerarmos imperialismo o esforço para difundir uma ideia e impor fora das fronteiras nacionais um modo determinado de governo e de organização social, até mesmo com o emprego da força. De qualquer forma, este comportamento parecerá imperialista aos Estados que querem salvaguardar suas próprias instituições - ainda quando a potência ideocrática preferir normalmente a subversão à invasão, evitando anexar os povos convertidos à sua fé. Os cruzados nunca foram vistos como mensageiros da paz, embora em nossos dias alguns deles adotem uma pomba branca como emblema. (ARON, 2002 p. 19)

Ainda em seu estudo sobre a guerra e a paz, Aron traz a advertência na análise das situações conjunturais como sendo sempre específicas, assim, as analogias e aproximações embora relevantes, devem ser feitas com a extinção de mitos e lendas. Com isso, há algumas de suas conclusões resumidas:

1. Não é verdade que Estados Nacionais plenamente estruturados sejam pacíficos, de modo necessário. Inspirados pelo orgulho, podem ser imperialistas.
2. A economia moderna de mercado não se inclina obrigatoriamente às conquistas. Tampouco uma economia moderna centralizada é em si pacífica.
3. Os povos não permanecem os mesmos através da história e nem os regimes são constantes.
4. A conduta

diplomático-estratégica é instrumental, isto é, acha-se ao serviço de outra coisa, serve como instrumento, em tese aos objetivos de quem a patrocina. Ainda que inseridas neste contexto, as decisões isoladas somente serão compreendidas tomando-se como referência a conjuntura e a psico-sociologia de cada ator. 5. A conjuntura é constituída pelas relações de força, inscritas num espaço histórico determinado. 6. O ator coletivo pode às vezes ser entendido como se fosse um indivíduo, que teria um comportamento previsível e mais ou menos estável. Mas cumpre levar em conta que pode ser instado a atender a múltiplas pressões, sendo imprescindível procurar conhecê-las e desvendá-las. 7. Em todas as circunstâncias é preciso identificar os objetivos das nações, como veem o mundo e o modo de ação que adotam. Esta pode dar-se tanto por deliberação própria como decorrer de influências mais ou menos fortes. (ARON, 2002 p 20).

Dentro do viés analítico da geoeconomia, o poder econômico sustenta o poder geopolítico, pois tanto as forças militares quanto o aparato diplomático são direcionados pelo exercício da economia do Estado. Dessa forma, os instrumentos econômicos em cenários de conflitos, vão pesar sobre a capacidade de sobrevivência da nação.

## 2.1 Capitalismo e Geoeconomia

O capitalismo trouxe a mudança em algumas concepções, alteração de valores, de conceitos, de objetivos. Thurow (1997) elenca a valorização do conhecimento, a liberdade geográfica e a criação de uma economia global separada da nacional como elementos trazidos pelo sistema em questão. Um marco da multipolaridade e das divergências nos interesses de cada Estado.

O capitalismo apresenta-se sozinho na nova ordem mundial encontrando perigo nele menos ocasionado pelas desigualdades que ele provoca necessitando portanto alterar-se para se manter. Neste diapasão o Estado teria o papel de: procurar regular as normas de mercado, impondo regras, sem entretanto frear bruscamente a evolução capitalista, gerir os investimentos, evitar o descontentamento das massas e criar condições, protegendo aqueles que estão vulneráveis a economia, investindo em projetos sociais, educação, qualificação da força de trabalho. (THUROW, 1997, p.32-34)

A economia global, que direciona o capitalismo, apresenta um vácuo pela assimetria dos interesses das economias nacionais, assim, como cita Thurow (1997, p.168): “ao invés de um mundo no qual as políticas nacionais guiam as forças econômicas, uma economia global leva a um mundo em que as forças geoeconômicas extranacionais ditam as políticas nacionais.” Isso ocasiona uma competição entre os governos para convencerem empresas a se fixarem em seu território.

Neste aspecto, com a nova organização mundial onde empresas transnacionais passam a exercer um protagonismo na transformação da economia

nacional em espaço da economia mundial, o Estado luta para manter seu próprio protagonismo nas funções de desenvolvimento econômico. (SANTOS, 2010)

Esse é o capitalismo. A empresa não escolhe se instalar em um Estado por bondade e nem mesmo o Estado aceita as condições por compaixão. Sempre haverá interesses em ambos os lados, uma vez que com a fixação de uma grande empresa, empregos e renda são gerados, investimentos vem para a região, a população fica satisfeita e há a manutenção deste governo no poder (Thurow, 1997).

Na concepção do autor em questão, para o bem da economia global, os Estados deveriam ceder suas soberanias nacionais para assim, sintonizá-las, no entanto, nenhum Estado está disposto a abrir mão de sua vontade. O mais perto que se chega disto foi a criação de blocos regionais, que unem Estados com interesses e atributos similares, mas sempre tendo em vista o preparo para competir no cenário mundial. (Thurow, 1997)

Além da corroboração que o globalismo exerceu sobre o capitalismo mais evidenciado com a Guerra Fria, a visão de uma única potência (EUA) nesse período foi extremamente marcante. Os Estados Unidos utilizaram de diversos instrumentos para impor seus interesses às demais nações; Banco Mundial, ONU, FMI, por exemplo. Interesses estes que não só correspondiam ao seu governo, mas também às suas empresas. Nesse sentido, os outros países que detinham capital, em ação conjunta passaram a estabelecer suas políticas econômicas e são exatamente essas políticas que regem a integração econômica, a abertura ou fechamento de mercados, a aceitação de determinada economia e podem até mesmo levar às crises internacionais, dependendo das condições prejudiciais determinadas. As medidas econômicas costumam ter maior foco nos interesses do capital e não nos interesses da nação, mesmo porque as próprias organizações financeiras atuam em função do capital financeiro internacional e conseqüentemente “obrigam” os países menos desenvolvidos a aceitarem suas normas e cederem parte de sua autonomia. (Thurow 1997)

Uns acreditam que a globalização e a liberdade econômica “facilitará investimentos, acarretará o desenvolvimento de novas tecnologias, mais produtividade e diminuirá a distância entre países em desenvolvimento dos desenvolvidos” (STEIN apud CARVALHO, 1997 p. 256). No entanto, tal argumento serve de estratégia para as grandes potências aumentarem seus impérios.

De forma geral, de acordo com Ferreira (2015) a geoeconomia não é sobre capacidade militar ou atuação do Estado, mas sobre o prosseguimento do sistema capitalista que é movido pelas empresas e pelo próprio Estado. Ela é uma das novas geopolíticas que não exige território ou planos militares, mas motiva a liberalização econômica e política, o fim das fronteiras e das guerras.<sup>7</sup>

O sistema capitalista conta ainda com o regimento das empresas transnacionais que direcionam as ações dos Estados de acordo com suas lógicas financeiras elaborando políticas que promovem o desenvolvimento de ações sociais internas, bem como uma divisão desigual de poder.

Neste sentido, conforme aponta Ferreira (2015):

O que temos é um alinhamento e imposição de potências desenvolvidas que ainda conseguem se manter neste sistema, sugando o restante das forças dos países em desenvolvimento, impondo suas condições para investimento sob o falso pano de fundo de um crescimento sustentado por este, mas que na realidade termina por diminuir o capital, emprego, a estabilidade, diminui a exportação, aumenta a importação e cada vez mais fomenta a possibilidade de um novo colonialismo. (FERREIRA, 2015. p 15)

Neste aspecto, a geoeconomia ainda que coloque o Estado em segundo plano, não a dispensa, mas dá novo significado a sua lógica de poder, até mesmo porque o Estado segue sendo necessário servindo de justificativa para as ações especulativas da geopolítica em questão, bem como se faz importante inibindo o fortalecimento de um único ator provido de poder unísono.

Com a mudança do papel do Estado, que perde parte de sua soberania, a geoeconomia se faz determinante na nova ordem mundial. Inaugura uma fase em que ascendem novos atores e o Estado mesmo secundário, é inserido como regulador das regras de mercado tentando diminuir as desigualdades sociais que se acentuam com o sistema capitalista. (FERREIRA, 2015)

## 2.2 A geoeconomia e os conflitos armados

Após o fim da Guerra Fria, o Sistema Internacional será distinguido por uma nova estrutura que parece estar sem qualquer alinhamento. A paisagem geopolítica

---

<sup>7</sup> FERREIRA M. Tatiane. “**A geoeconomia como determinante nas relações internacionais da nova ordem mundial**” Disponível em: <https://www.sedep.com.br/artigos/a-geoeconomia-como-determinante-nas-relacoes-internacionais-da-nova-ordem-mundial/>

mudou com novos potenciais de conflito e atores centrais. Neste cenário, o Estado pode não mais ser a única parte que regula as relações e pode, em vez disso, assumir um papel secundário como ator nesta nova ordem. Tal efeito secundário resulta do surgimento da revolução tecnológico-científica, que serve para erodir a soberania nacional e minimizar a importância das velhas fronteiras físicas.

Como já supramencionada, Tatiane Mendes Ferreira em seu artigo “A geoeconomia como determinante nas relações internacionais da nova ordem mundial” infere: “as novas geopolíticas além de não centralizarem o Estado como a única fonte de poder, contextualizam com outros sistemas no espaço”.

E ainda:

Neste novo contexto destacamos fundamentalmente as empresas transnacionais, ONGs em defesa do meio ambiente, direitos humanos etc, sendo atualmente as empresas o ator que detém o principal papel, haja vista que o fim da Guerra Fria e a sedimentação do capitalismo permitem isso, sendo certo que os demais atores ou procuram ainda se manter, como os Estados que se adaptam através da regulação das normas de mercado, ou procuram se estruturar que como ONGs, passam a ter um papel relevante. (FERREIRA, 2015, p 15)

As duas guerras mundiais tiveram um impacto significativo na formação de ideias e na transformação da geopolítica, que serviu como área de estudo por causa de sua relação antagonista, mas também por causa do papel decisivo que desempenharam na distribuição do poder nas relações internacionais. No entanto, para a contextualização da teoria geoeconômica, o fim da Guerra Fria ocupa a maior parte do espaço na análise subsequente.

Com o fim da Guerra Fria uma nova etapa se firmaria com a ascensão e manutenção do capitalismo, encontrando na globalização campo fértil de ação, mas também a prevalência do poderio americano alterando o foco da política externa que de geopolítica passou a geoeconômica. (FERREIRA, 2015, p 16).

É possível observar que o enfraquecimento do Estado, o surgimento de novos atores no cenário internacional, e a descentralização da ênfase na soberania estatal marcam o início da geoeconomia, que impulsionou a intervenção nos Estados Unidos através das demandas do mundo. Como resultado, uma possível interpretação da geoeconomia é que ela estabelece um padrão de guerras lutadas por outros meios.

Acerca do papel da economia no cenário atual, Luttwak (2001) acredita que as disputas que antes eram militares e ideológicas, hoje são mais comerciais, o que torna

as “guerras econômicas” mais comuns. Conforme matéria da EconomyPedia<sup>8</sup>, as Guerras Econômicas são confrontos ou ameaças entre países por meios econômicos, dessa forma, tal confronto é uma alternativa ao conflito armado e seu sucesso dependerá da capacidade do país de se adaptar às restrições impostas. Haja vista que a substituição do conflito militar por um econômico tem suas vantagens.

Thurow (1999) enxerga um progresso nesse sentido. Em sua concepção, guerras econômicas não causam mortes e recursos exorbitantes não precisam ser despendidos para o desenvolvimento de armamentos e afins. Para o autor, o Estado mais forte (em termos de recursos) produz os melhores produtos do mundo e aproveita os frutos que isso o proporciona, possuindo um alto padrão e o menos forte consegue comprar alguns desses produtos.

Deve-se notar que o surgimento da geoeconomia foi impulsionado pela situação global pós-guerra, bem como pela crise geopolítica mencionada anteriormente, resultando em um investimento econômico que coincidiu com o fim da Guerra Fria e o desenvolvimento do capitalismo. Nesta era de ascensão e manutenção do capitalismo, a globalização serviu como uma área fértil de ação, e a hegemonia norte-americana finalmente mudou sua ênfase na política externa da geopolítica para a geoeconomia.

### **2.3 As consequências econômicas dos conflitos armados**

Os conflitos armados acabam exercendo um papel importante na formação, no crescimento e na própria manutenção da ordem internacional. Grande parte dos conflitos armados contemporâneos possuem certas características em comum que refletem causas estruturais. Isso pode ajudar a identificar o problema antes que ele se torne irreversível.

Dentre essas características, é possível destacar como propenso a conflitos: Estados em situação de fraqueza, corrupção e falência; regimes opressores; discriminação contra minorias, disseminação de mensagens hostis através de ações políticas; resquícios do colonialismo político e econômico; escassez de recursos

---

<sup>8</sup> EconomyPedia. **Guerras Econômicas**. Disponível em: <https://pt.economy-pedia.com/11031192-economicwar#:~:text=A%20guerra%20econ%C3%B4mica%20%C3%A9%20o,uma%20alternativa%20ao%20conflicto%20armado>

naturais, disponibilidade de armas e munições em grande escala; e rivalidades regionais (CCPDC, 1997, p. 29).

A dependência econômica dos recursos naturais também provoca a potencialidade de eclosão de novos conflitos e entre os inúmeros impactos causados por conflitos armados. O trabalho em questão tem pretensão de destacar as consequências sofridas com a “economia de guerra”, que é geralmente caracterizada pela alta da inflação, desvalorização da moeda ocasionada pela saída de capital estrangeiro do território nacional e o fechamento de empresas locais, que contribui para o aumento dos índices de desemprego. Nesse sentido, o comércio ilegal de bens e serviços, bem como a corrupção acabam ganhando força. A falta da escola em pleno funcionamento nesses períodos, assim como oportunidades escassas de trabalho criam espaço para uma alienação da juventude e o aumento da criminalidade, até porque, em circunstância de conflito armado, há uma facilidade na obtenção de armas e munições e ausência de policiamento adequado nas ruas e fronteiras. (NIELEBOCK 2008, p 109)

São enfrentados igualmente, problemas sociopolíticos, pois atores envolvidos nesses conflitos, costumam não se reportarem a autoridades tradicionais, o que torna mais difícil o controle dos “efeitos colaterais” sobre a população civil, por exemplo, que não está diretamente envolvida.

Existe também um aspecto psicológico trazido pela literatura da segurança internacional, que acredita que, quanto maior for a duração de um conflito, mais chances existem de que a hostilidade desse período se torne normal, o que torna mais difícil, o restabelecimento da confiança presente na fase antes do conflito (MIALL et al. 2005, p. 75).

Em cenários assim, o governo costuma adotar algumas práticas econômicas na tentativa de estabilizar as circunstâncias. A expansão dos gastos públicos define uma dessas práticas, e trabalha para o financiamento de aparatos militares destinando recursos que visam proteger o país e zelar pela integridade da população.

Esse aumento de gastos também deve servir para amparar a construção de centros médicos de pronto atendimento e recrutar profissionais da saúde para socorrerem as regiões mais afetadas pelo conflito. Nesse aspecto, a rápida atuação

do governo é fundamental, tendo em vista que o mercado leva um tempo para atender as demandas causadas em cenários de guerra.

Assim surge o termo “economia de guerra”, que caracteriza um protagonismo governamental no direcionamento da economia e na aplicação de medidas que buscam amenizar os efeitos econômicos durante um evento excepcional, como um conflito armado. (NIELEBOCK, 2008, p 109)



## 3 CONFLITOS ARMADOS CONTEMPORÂNEOS: UCRÂNIA

### 3.1 Questões políticas e o conflito

Este capítulo é dedicado a informar sobre o atual conflito entre Rússia e Ucrânia e contextualizar o cenário político e geoeconômico no qual a Ucrânia esteve antes do início da guerra. Para isso, foi utilizado como fonte, uma matéria informativa do Instituto Presbiteriano Mackenzie escrita no ano passado (2022). Posteriormente, pretende-se abordar dados que apontam as consequências do conflito no preço de importantes matérias primas exportadas principalmente pela Rússia e que sofreram de algumas restrições no início da guerra.

A Ucrânia se localiza ao leste da Rússia e a oeste da União Europeia, ou seja, possui uma geografia centralizada e conseqüentemente estratégica. Na madrugada do dia 24 de fevereiro de 2022, a Ucrânia é invadida pelo seu vizinho. Tropas russas se espalham em diversas direções e ocupa, as fronteiras ucranianas. Apesar da atmosfera tensa e do aumento das ameaças de invasão da Rússia em relação ao final do ano anterior, há tensões de décadas entre os dois países. Portanto, é necessário voltar alguns anos para entender a origem deste conflito.

Durante os séculos IX e XIII, quando a Ucrânia era parte da Rus de Kiev, uma confederação de tribos eslavas que incluía territórios perto do Mar Báltico e do Mar Negro. Desde então, potências estrangeiras controlaram consistentemente a Ucrânia, incluindo a monarquia polaca e os imperadores otomano, austríaco e russo. (BBC NEWS, 2022)

Terras ocidentais eram em grande parte propriedade polonesa em 1922, mas houve uma redistribuição territorial durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria que se seguiu. Como resultado, essas e outras áreas próximas foram integradas na República Socialista Soviética da Ucrânia.

A Península da Crimeia, uma região estrategicamente importante, também foi reconhecida como território russo até Nikita Khrushchev, o primeiro primeiro-ministro soviético que transferiu a Crimeia para a Ucrânia em 1955. Mesmo assim, ambos os governos prestavam contas à União Soviética e ao governo de Moscou.

A Guerra Fria, que durou de 1947 a 1991, foi um conflito político e ideológico envolvendo os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS). Tal conflito

começou logo após a Segunda Guerra Mundial e polarizou o mundo entre comunistas e capitalistas. Houve vários conflitos de pequena e média escala em várias partes do mundo. Os EUA e a URSS frequentemente colaboraram através de financiamento, treinamento militar e alocação de recursos.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), fundada em 4 de abril de 1949, e o Pacto de Varsóvia, fundado em 1955, emergiram dentro desse cenário de guerra e a ideia por trás do plano da OTAN era criar uma aliança militar de nações que apoiasse os Estados Unidos, a fim de impedir ações de estilo soviético. O objetivo do Pacto de Varsóvia, no entanto, era reduzir a probabilidade de um ataque americano e garantir a segurança das nações comunistas. É importante mencionar que na época, a Ucrânia estava incluída entre as nações que eram parte do Pacto de Varsóvia.

A União Soviética entrou em colapso em 1991, e a Ucrânia tornou-se um país independente, enquanto continuava a ter relações controversas com a Rússia, mesmo após a dissolução da URSS. Isso permitiu à Rússia entender que a Ucrânia ainda ocupava uma parte significativa de sua esfera de influência.

Esta interpretação russa compartilha a visão da Doutrina Brejnev<sup>9</sup> de "soberania limitada", que afirma que a autoridade ucraniana deve ser menos poderosa do que quando no Pacto de Varsóvia, a organização internacional que foi responsável pela OTAN na Guerra Fria.

No entanto, a Ucrânia começou a se aproximar da Europa. Além disso, em 2012, foi criado um acordo de associação entre a Ucrânia e a União Europeia, o que incentivou a Rússia a tentar impedir a assinatura e adoção do acordo, tanto é que houve a suspensão do acordo em 2013 pelo então presidente ucraniano, Viktor Yanukovich.

Esta atitude desencadeou uma série de manifestações e protestos dos cidadãos russos que apoiaram o acordo entre a Ucrânia e a bloco econômico europeu.

---

<sup>9</sup> “A Doutrina Brejnev, conhecida também como Doutrina da Soberania Limitada ou simplesmente Brejnevismo, é o conjunto de diretrizes e políticas postas em prática durante o governo de Leonid Brejnev à frente da União Soviética. Na prática, o Brejnevismo tinha o objetivo de garantir a zona de influência da URSS. Foi o que forçou a limitação da independência de partidos comunistas em todo o mundo, proibiu a retirada de Estados do Pacto de Varsóvia e definiu o monopólio do Partido Comunista na política das nações socialistas”. (Dicionário de sociologia para CACD, 2021).

Este “evento” durou vários meses e recebeu o nome de Euromaidan<sup>10</sup>. Com isso, houve a saída de Yanukovich da Ucrânia em 22 de fevereiro de 2014 que fugiu do país.

Depois da fuga de Yanukovich, a Rússia novamente entrou na briga, enviando grupos armados para as instituições-chave na Península da Crimeia e pedindo um referendo de independência. Isso acabou prejudicando as relações entre a Rússia, a Europa e os Estados Unidos, levando à expulsão da Rússia do G8 (as oito das nações mais industrializadas do mundo do grupo) e à imposição de várias sanções econômicas pela União Europeia.

Na visão da Rússia, a Crimeia está em um lugar estratégico, visto que no sul da Península fica a mais importante base naval russa no Mar negro, assim, quando a Ucrânia declarou sua independência, Moscou foi obrigada a pagar a Kiev uma taxa anual de utilização de base, o que deixou de acontecer quando a Crimeia foi tomada novamente pela Rússia.

Como dito anteriormente, esta região tinha sido anteriormente parte da Rússia; dessa forma, aos olhos de Putin, a Rússia estava apenas reivindicando território que já lhe pertencia. Desde então, a Rússia tem sido acusada pela OTAN de dar suporte aos separatistas pró-russos para conquistar a Ucrânia.

Enquanto Putin vê a Ucrânia como parte da Rússia, a União Europeia e os Estados Unidos a veem como um importante aliado estratégico e militar, por conta da excelente localização na qual a Ucrânia se encontra. O atual presidente não quer que a Ucrânia adira à OTAN e depois receba apoio de países hostis à Rússia. Isso leva a entender que há temor de que a situação com a Rússia se agrave. (Blog Mackenzie, 2022)

### **3.2 Histórico: A economia Ucrâniana**

A Ucrânia é o segundo maior país da Europa depois da Rússia, como supramencionado, fica localizada ao norte do Mar Negro e ocupa uma posição

---

<sup>10</sup> Euromaidan (em ucraniano: Євромайдан, Yevromaidan, literalmente "Europaça", "esplanada da europa"), também chamado de Primavera Ucrâniana, foi uma onda de manifestações e agitação civil, na Ucrânia, entre 2013 e 2014.

geográfica estratégica entre a Europa, a Rússia e a Ásia Central – tal fato exerce grande importância regional e mundial devido aos seus vastos recursos energéticos (que transitam em boa parte pela Ucrânia). O país possui terras férteis e importantes recursos naturais.

Após sua independência em 1991, seguido da extinção da União Soviética, a Ucrânia declarou o objetivo de ingressar na União Europeia (UE), com a qual negocia uma área de livre comércio desde sua validação na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2008.

A Ucrânia ainda é membro da área de livre comércio dos países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), composta pelos países da ex-União Soviética e desenvolve ampla cooperação com a união aduaneira “Euroasiática”, formada por Rússia, Belarus e Cazaquistão, onde ocupa assento de país-observador.

De acordo com o Departamento de Promoção Comercial e Investimentos (DPR), o PIB do país vinha crescendo desde 2000 e alcançou uma média de 7% entre 2001 e 2008. No entanto, com a crise econômica entre 2008 e 2009, a Ucrânia sofreu grave abalo em seu PIB, que caiu cerca de 15% e, mesmo se recuperando nos anos seguintes, encontra-se com baixo crescimento desde então. (MRE, 2013)

Segundo o DPR, a economia Ucraniana apresenta rápida transformação, principalmente no setor de serviços. O país ocupa posição de destaque no comércio mundial das indústrias siderúrgicas, se configurando um dos maiores produtores de aço do mundo (72 milhões de toneladas, em 2010).

Ainda por possuir terras férteis e cultiváveis, a agricultura no país configura uma importante fatia do PIB nacional, uma vez que a Ucrânia foi conhecida como “celeiro da URSS”. No entanto, a dependência ucraniana do setor externo ocasiona uma vulnerabilidade econômica, pois as exportações correspondem a quase metade do PIB.

Considerando a deficiência presente no comércio exterior, dados apontam um déficit na balança comercial de quase US \$15,8 bilhões em 2012. Ademais, as parcerias comerciais se demonstram pouco diversificadas; os países da CEI e a União Europeia configuram dois terços das exportações da Ucrânia. (MRE, 2013)

O DPR infere que o viés exportador ucraniano, se concentra majoritariamente em produtos primários: 25% em grãos e 45% em metalurgia. A dependência do setor

exportador, junto ao déficit energético é remediado através de importações de gás da Rússia, dado importante para análise dos reflexos que os conflitos entre os dois países têm ocasionado.

Nas ideias da 'Coleção: Estudos e Documentos de Comércio Exterior - Como Exportar: Ucrânia', os elaboradores concluem que o governo ucraniano já vinha buscando uma aproximação com países emergentes desde 2013, com destaque para Brasil, China e Índia, na tentativa de diminuir a dependência da Rússia e da União Europeia nos trâmites comerciais internacionais.

Desde sua independência em 1991 após a separação da União Soviética, a Ucrânia vem experimentando um avanço em seu setor agrícola, que passou a ter grande significância. O clima ucraniano favorece as culturas de inverno e primavera, sendo ele relativamente seco e fresco durante o verão e mais úmido e frio durante o inverno.

De acordo com o Ministério da Agricultura Ucraniano, dos 60 milhões de hectares correspondentes à área total da Ucrânia, aproximadamente 42 milhões deles se configuram como terreno agrícolas, dos quais 32,5 milhões já são cultivados. Essa grande fatia de espaço corresponde ao cultivo de grãos de forma geral, vegetais nos pomares, vinhas, bem como se configura terreno de jardins e pastos permanentes.

Os recursos naturais são abundantes na Ucrânia, especialmente as minas. Enquanto o país é fortemente dependente da importação de gás natural e petróleo, também tem fontes significativas de energia, como o carvão. Ademais, uma das maiores reservas de urânio do mundo se encontra na Ucrânia.

De acordo com o Ministério da Agricultura e Política Alimentar da Ucrânia, a produção doméstica representa cerca de 87% do consumo total de alimentos do país. Ainda assim, espera-se que a maioria das importações consista em alimentos sem substitutos internos, como chá, café, peixe e frutos do mar, com exceção de carne.

### **3.3 Impactos globais do conflito na Ucrânia**

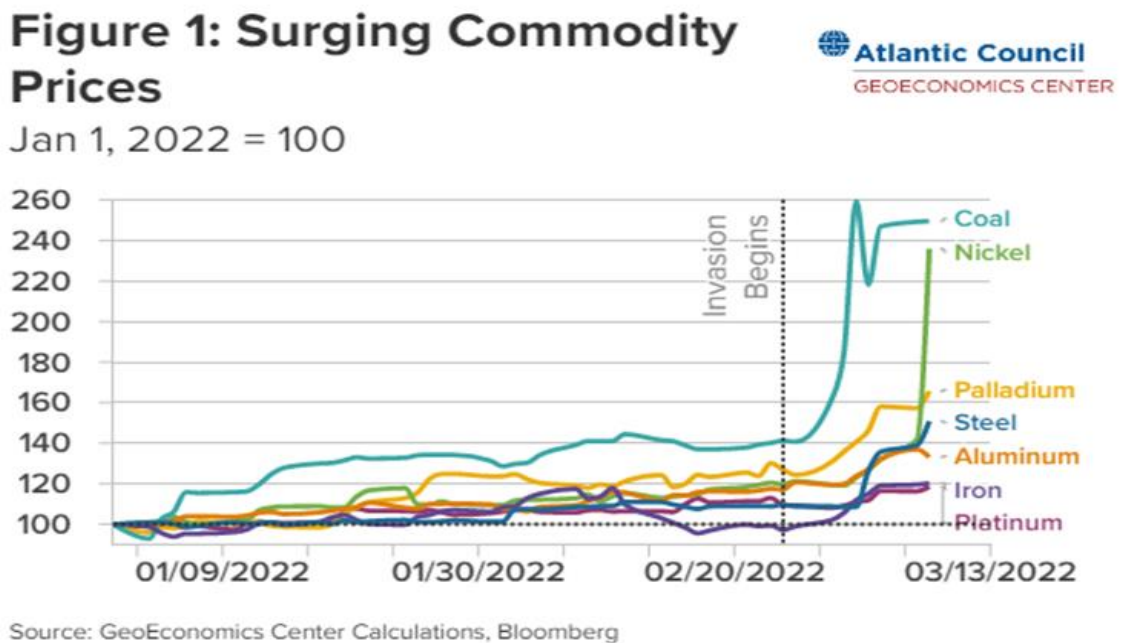
Depois de um contexto de pandemia, o sistema de reserva de alimentação mundial provou sua resiliência, mas agora com o conflito na Ucrânia, estão sendo

enfrentados problemas severos na cadeia de suprimentos global; trigo, soja, milho, dentre outras commodities registraram forte alta nos mercados.

Em matéria da *Atlantic Concil* de março de 2022, estudos apontaram um crescimento de 60% no preço do trigo, o que aumenta o risco de fome e agitação civil nas economias onde o governo não consegue subsidiar o pão e nos países que dependem de larga escala de trigo importado da Rússia e da Ucrânia. Com destaques para as regiões do oriente médio, norte africano e do sul da Ásia.

A questão Rússia-Ucrânia tem tido um efeito significativo sobre as trocas de outras mercadorias vitais além do petróleo bruto, gás natural e trigo. Além disso, houve uma proibição de Putin sobre a exportação de matérias-primas, o que garante um impacto em toda a economia mundial, minando a recuperação e escalando as pressões inflacionárias.

**Figura 2: Crescimento dos preços das commodities (janeiro a março de 2022)**



Fonte: Cálculo do Centro Geoeconômico, Bloomberg

Na figura acima, é possível visualizar o aumento dos preços de algumas commodities, tais quais: carvão, níquel, aço, paládio, alumínio, ferro e platina (respectivamente de cima para baixo). Nota-se que o aumento significativo se deu nos primeiros três meses de 2022, quando emergiu o conflito em questão.

É relevante trazer à baila que, a Rússia é o terceiro maior exportador de **carvão** (representando cerca de 14% das exportações globais totais), que é uma mercadoria-chave e amplamente utilizada na produção de eletricidade e fabricação intensiva em energia na Europa. (UNCTAD<sup>11</sup>, 2022)

Cerca de 7,5% das exportações mundiais de **ferro e aço** vêm da Rússia e da Ucrânia. A Rússia se classifica em quinto lugar com uma quota total de 5,2% e a Ucrânia na décima quinta posição, com uma participação de 2,3% (UNCTAD, 2022). Embora tenham importância significativa, os países em questão podem facilmente serem substituídos por economias como a dos Estados Unidos, Japão e Alemanha, porém, os aumentos expressivos dos preços dessas matérias primas ainda podem impactar negativamente a recuperação economia global, diz a pesquisa do *Atlantic Council*.

Isso porque o funcionamento das sociedades contemporâneas depende fortemente do ferro e do aço. Eles são utilizados em uma variedade de indústrias, incluindo transportes, eletrodomésticos, móveis, estruturas, máquinas, defesa e muitos outros bens domésticos e industriais.

Falando sobre o **níquel**, tal matéria é frequentemente usada em moedas e também é crucial para a tecnologia da bateria. Além disso, o níquel é importante em uma ampla gama de itens devido à sua resistência à corrosão, incluindo fios, pregos e gasodutos, bem como turbinas a gás e eixos de propelentes em barcos e plantas de dessalinização.

A Rússia é o maior exportador desta mercadoria estratégica, representando mais de 28% das exportações mundiais, seguido de perto pela Austrália e Canadá, que representam 15% e 11% do total de exportação, respectivamente. O preço deste bem estratégico aumentou drasticamente comparado às outras commodities, já que a Rússia lidera o mercado na exportação dessa mercadoria. (UNCTAD, 2022)

A Rússia é o país que exporta 10% do **alumínio** bruto do mundo, atrás apenas do Canadá. O alumínio é essencial para a fabricação, transporte, indústria, aparelhos

---

<sup>11</sup> UNCTAD é o acrônimo em inglês para a 'Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento'. Foi criada em 1964, com vista a integrar os países em desenvolvimento na economia mundial e contribuir para a erradicação da pobreza.

e indústrias de mobiliário, todas as quais seriam afetadas negativamente pelas perturbações no fornecimento de alumínio causadas pela situação Rússia-Ucrânia.

Mas ao contrário do ferro e do aço, o mercado de alumínio inclui outros exportadores importantes que, em um tempo, podem substituir completamente, ou pelo menos em grande parte, a produção russa de alumínio. Estes países incluem Canadá, Emirados Árabes Unidos, Índia, Noruega, Austrália e Malásia. (UNCTAD, 2022)

A Rússia é responsável por exportar 16% da **platina** e 24% do **paládio** do mundo. Tais metais, são usados principalmente em joias, odontologia e eletrônica. O paládio também é utilizado no setor de semicondutores, que já teve uma desaceleração da oferta e da demanda nos dois anos anteriores por conta da pandemia. Como resultado, as interrupções no fornecimento de paládio e platina tornarão mais difícil a produção de uma série de produtos, incluindo automóveis, eletrodomésticos, máquinas industriais e outros equipamentos eletrônicos. (UNCTAD, 2022)

De acordo com Amin Mohseni-Cheraghrou, macroeconomista com a *GeoEconomics Center*<sup>12</sup>, atualmente a Europa vive a maior crise desde a Segunda Guerra Mundial. A previsão é de um período prolongado de agitação política, com aumento dos preços e grandes riscos na distribuição de commodities e alimentos, principalmente aqueles que partes da Rússia e Ucrânia.

Então, finalizando as observações das commodities mencionadas na última figura, o **aço** é extremamente relevante para obtenção do néon. Rússia e Ucrânia fornecem mais de metade do neon usado no mundo, e mais de 90% do néon usado no setor de chips dos EUA, vem da Ucrânia. A falta do néon terá um efeito prejudicial sobre o setor de semicondutores que já está debilitado, diz Amin. (Amin, *Beyond oil, natural gas, and wheat: The commodity shock of Russia-Ukraine crisis*, 2022)

As “maiores perturbações de abastecimento já registradas” são “multidimensionais e complexas”, o que conseqüentemente dificulta o funcionamento

---

<sup>12</sup> Cheraghrou M. Amin. ***Beyond oil, natural gas, and wheat: The commodity shock of Russia-Ukraine crisis***. Reportagem online do *Atlantic Council*. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/econographics/beyond-oil-natural-gas-and-wheat-the-commodity-shock-of-russia-ukraine-crisis/>



sadio da economia mundial. Segundo Amin (2022), há um foco muito grande em combater os efeitos da crise com base em suprimentos alternativos de petróleo bruto, gás natural e trigo, enquanto outras commodities essenciais são colocadas de lado nessa discussão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho pretendeu entender de que forma um conflito armado afeta a economia de forma geral e a distribuição de produtos básicos de maneira específica, assim como o alcance desses reflexos aos países que são dependentes de determinados insumos.

Vale retomar a importância de entender as ações dentro dos conflitos e principalmente as reações que ocorrem internamente (nível nacional) e externamente (nível internacional), até mesmo porque a sociedade internacional é inquestionavelmente interdependente, assim, a guerra mesmo envolvendo apenas alguns atores, acaba gerando efeitos que reverberam no mundo inteiro.

Para atingir a compreensão da proporção dos reflexos que um conflito armado causa na linha de produção e distribuição de commodities, foi examinado ações pontuais que uma guerra exerce sobre a cadeia produtiva, analisado a reação da linha produtiva e distributiva de insumos mediante tais ações e verificado como esse impacto reflete em países que não estão em conflito armado.

Assim sendo, a pesquisa do caso Rússia - Ucrânia permitiu concluir que, mediante o cenário de conflito armado, houve bloqueio nas exportações pelo presidente russo. Visto que a Rússia lidera o mercado de exportação de várias commodities, tal ação refletiu negativamente a todos os países dependentes de determinados insumos por ela exportados.

Com isso, a hipótese do trabalho de que poderiam haver impossibilidades e restrições na produção dos países envolvidos em um conflito, diminuindo a oferta destas se confirmou. Além de que, com essa baixa e restrita oferta, os preços realmente aumentaram.

Também foi possível perceber o peso que a distribuição geoeconômica possui no cenário internacional, viabilizando o uso de recursos econômicos para fins políticos, bem como é inquestionável a importância geográfica (figura do território), que caracteriza um elemento crucial nas relações internacionais.

Dessa forma, mediante a análise da teoria geoeconômica foi possível identificar a conexão que a geografia de um país possui entre o espaço e a própria política, se configurando prefácio e causa importante de qualquer conflito armado, como visto no atual caso da Rússia e Ucrânia com a localização estratégica da Península da Crimeia.

Os resultados da pesquisa sofrem de limitações devido aos recursos escassos, pois afinal, o conflito entre Rússia e Ucrânia ainda está acontecendo, no entanto, o estudo trouxe respostas já esperadas e que podem se tornar mais profundas e detalhadas com o tempo.

Por tudo isso apresentado, fica claro o impacto negativo que um conflito armado possui sobre a economia mundial. Embora seja um tema que pode ser considerado ultrapassado, a atual guerra na Ucrânia trouxe novamente os temores e os reflexos que qualquer conflito causa sobre a sociedade. No entanto, por ser recente e ainda sem um fim concreto, esse tema pode e deve ser aprofundado, pois definitivamente ainda não está esgotado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações** (1ª edição) Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: 2002 936 p.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Inteligência Comercial. **Como Exportar: Ucrânia** / Ministério das Relações Exteriores. Brasília: MRE, 2013

CHERAGHLOU M. Amin. **Beyond oil, natural gas, and wheat: The commodity shock of Russia-Ukraine crisis**. Reportagem online do *Atlantic Council*. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/econographics/beyond-oil-natural-gas-and-wheat-the-commodity-shock-of-russia-ukraine-crisis/> . Acesso em 11 de abril de 2023.

CLAUSEWITZ, Carl von. **On war**. (1ª edição) Editora Everyman's Library; Nova Iorque: 1993 870 p.

CREMA, Gabriella. **Economia de guerra: por que estamos falando disso?**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/economia-de-guerra-e-coronavirus/>. Acesso em 03 de março 2023.

ECONOMYPEDIA. **Guerra econômica**. Disponível em: <https://pt.economy-pedia.com/11031192economicwar#:~:text=A%20guerra%20econ%C3%B4mica%20%C3%A9%20o,uma%20alternativa%20ao%20conflito%20armado>. Acesso em 10 de abril de 2023

FERREIRA M. Tatiane. **“A geoeconomia como determinante nas relações internacionais da nova ordem mundial”** Disponível em: <https://www.sedep.com.br/artigos/a-geoeconomia-como-determinante-nas-relacoes-internacionais-da-nova-ordem-mundial/>. Acesso em 10 de abril de 2023

HOLSTI, K. J. **The state, war, and the state of war**. Cambridge: Editora Department of Political Science University of British Columbia, 2018 131p

HUMAN SECURITY CENTRE, 2005; Disponível em: [https://press.un.org/en/2005/051017\\_Human\\_Security\\_Report.doc.htm](https://press.un.org/en/2005/051017_Human_Security_Report.doc.htm) Acesso em 10 de abril de 2023

JAEGER, BRUNA COELHO e BRITES, PEDRO VINICIUS PEREIRA. **A geoeconomia à luz da economia política internacional: uma discussão teórica.** vol.40, n.1 Brazil. J. Polit. Econ. [online]. 2020, p.22-36.

KALDOR M. ***New and Old Wars: Organised Violence in a Global Era***, 2ª Edição. Editora Polity, Cambridge: 2007 280p.

MACKENZIE. **Guerra na Ucrânia: descubra a relação dela com a Guerra Fria.** Disponível em: <https://blog.mackenzie.br/vestibular/atualidades/guerra-na-ucrania-descubra-a-relacao-dela-com-a-guerra-fria/>. Acesso em 15 de abril de 2023.

MILTON SANTOS; MARIA LAURA SILVEIRA. **Brasil: território e sociedade no século XXI**, 2010.

NIELEBOCK H. Eduarda. **A violência armada e seus impactos sobre a população civil: um fardo necessário?**. Edição 3, Editora Revista Brasileira de Segurança Pública. Rio de Janeiro, 2008 15p

STEIN, E. F., **Geoeconomia: uma arma de dominação**. Apud CARVALHO, L. A op.cit., p. 246.

TZU, S. **A arte da guerra**. 2ª Edição. Editora Record. São Paulo, 2007 80p

THUROW, L. **Cabeça a Cabeça**. 2ª Edição. Editora Rocco. Rio de Janeiro 1999, 381p

THUROW, L. **O futuro do capitalismo: como as forças econômicas moldam o mundo**. 2ª Edição. Editora Rocco. Rio de Janeiro 1997,458p.